

# Animais ajudam a tratar pessoas

A Terapia Assistida por Animais vem sendo usada para ajudar no tratamento de pessoas com problemas de origem física ou psicológica

Marcelo Lima

A veterinária Isabela Zitti não esconde sua paixão por gatos: seu apartamento no bairro de Manaira, em João Pessoa, é repleto de esculturas, pinturas e peças decorativas que remetem à misteriosa natureza dos felinos. Além dos amuletos, cinco mascotes em carne e osso dividem o espaço com ela e seu noivo. Entre eles, Pelucinha – uma gata tímida, de pelagem bege e claros olhos azuis – ocupa um lugar singular em sua vida.

A Pelucinha entrou na vida de Isabela em maio de 2011. A moça havia perdido o pai há apenas dois meses e passava por uma depressão quando uma gatinha ferida foi levada para a clínica onde trabalhava na cidade de Jaboticabal, no interior do estado de São Paulo. A gata, na época com poucos meses de vida, havia sido atropelada e exibiu uma fratura na mandíbula. Como a pessoa

que resgatou o animal não demonstrou interesse em adotá-lo, Isabela não hesitou: após o tratamento na clínica terminar, adotou para si a gata e a levou para casa. “Eu não conseguia vê-la presa ali diariamente. Aos poucos fui me apaixonando por ela”, conta.

A moça passara a morar sozinha pouco tempo depois da morte do pai; como não suportava as brigas diárias e os conflitos familiares provocados pela ausência da figura paterna, encontrou no isolamento uma forma de lidar com o luto. Sua principal companhia, assim, passou a ser a gata que recuperara das gaiolas da clínica veterinária – e que desempenharia um papel primordial em sua recuperação. “Em diversos momentos em que eu estava para baixo e sozinha, a Pelucinha estava do meu lado. A simples presença dela me ajudou a superar a dor. Ela foi meu suporte emocional”, diz ela.

Foram sete meses moran-

do sozinha, transitando por psicólogos e psiquiatras que distribuíam receitas médicas e pílulas para abrandar sua depressão. Mas foi a gata que permaneceu a seu lado durante os difíceis meses de solidão: seguia-a para todo canto e não a deixava sozinha em nenhum momento; sempre que podia, Isabela levava Pelucinha junto quando precisava sair de casa. Aos poucos, o vínculo que as unia se transformou em uma relação de cura.

Isabela se mudou para João Pessoa para acompanhar o noivo, que recebeu uma oportunidade de trabalho na capital paraibana, em março de 2013. Hoje, vivendo com ele, a Pelucinha e mais quatro gatos, ela superou a depressão e realiza apenas terapias de acompanhamento; mas ainda é a gatinha que apareceu ferida em sua clínica há quatro anos que lhe fornece sua dose diária de força. “Não sei se eu teria me recuperado sem ela”, diz a ve-



SUPORTE. Isabela Zitti encontrou na gata Pelucinha força para superar depressão. Hoje, ela cria mais 4 gatos



FOTOS: HERBERT CLEMENTE

terinária.

Mesmo sem um acompanhamento profissional específico, Isabela se beneficiou do que hoje é denominado Zooterapia, ramo da ciência alterna-

tivo à medicina tradicional que já percebe o poder curativo que os animais podem exercer sobre os seres humanos. Os profissionais da área se dedicam a desenvolver tratamentos para

doenças humanas utilizando animais e a entender como a relação do homem com o animal pode levar a uma melhora dos sintomas e até mesmo à cura. (Especial para o JP)

## Zooterapia auxilia na socialização

Também conhecida como Terapia Assistida por Animais (TAA), a Zooterapia ainda é um conhecimento recente para a ciência – começou a ser praticada formalmente na Bélgica, no final do século XIX. A prática se espalhou pela Europa e, nos anos 1930, já era aplicada em países como Inglaterra. No Brasil, em 1950, a professora e psiquiatra Nise da Silveira começou a tratar pacientes esquizofrênicos com cães e gatos, chamando-os de ‘coterapeutas’.

De acordo com Celene Almeida, psicóloga clínica que trabalha com a zooterapia em João Pessoa, a técnica pode ser utilizada para tratar tanto problemas de origem física quanto psicológica. “A zooterapia é indicada em casos de timidez, socialização, falta de memória, falta de coordenação motora, depressão, Síndrome de Down, dentre outros”, explica a terapeuta. “Após seis a oito sessões já é perceptível uma mudança no quadro emocional dos pacientes”.

Os cães são, atualmente, os animais mais utilizados nas terapias com animais – apesar de peixes, tartarugas, gatos, pássaros e até insetos também serem aplicados na zooterapia em diversos pontos do Brasil e do mundo.

O Projeto CãoMigo, coordenado pela psicóloga, utiliza cães da raça Shih Tzu em sessões com idosos, crianças especiais e pessoas com cinofobia (medo irracional de cachorros). O maior público



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

CONVÍVIO. Idosos que moram em instituições em João Pessoa interagem com cão do Projeto CãoMigo

do projeto são idosos institucionalizados em um abrigo na capital e, de acordo com a psicóloga, os benefícios aos pacientes vão muito além do que os que seriam observados apenas com um tratamento convencional.

A profissional ressalta, entretanto, que um animal em especial vem ganhando espaço no tratamento de diversas doenças, com recomendações cada vez mais frequentes. “No campo da Medicina, o Conselho Federal de Medicina tem estimulado o uso do cavalo como um importante coadjuvante para o tratamen-

to de doenças físicas e de diversas enfermidades e limitações”, explica ela.

O parecer do Conselho Federal de Medicina (CFM) acerca da equoterapia, ou a utilização de cavalos para fins terapêuticos, foi publicado em 1997 pelo Dr. Cláudio Franzen, fisiatra especializado em Medicina do Esporte.

Franzen explica que a prática é reconhecida pelo CFM, podendo ser utilizada principalmente em casos de crianças com problemas neurológicos, e deve ser vista como um tratamento auxiliar, baseando-se em estudos que

apontam de fato uma eficácia da equoterapia. “O binômio criança/animal traz vantagens nas áreas de equilíbrio, motoras e sociais na medida em que o andar do cavalo provoca reações reflexas nos pacientes que auxiliam no desenvolvimento e na melhoria da postura, por exemplo”, explica o médico. “No Brasil, já existem alguns centros que praticam a equoterapia com resultados animadores”.

Um desses centros especializados em terapias com cavalos está situado no bairro Altiplano Cabo Branco, em João Pessoa.

## Equoterapia ajuda no desenvolvimento

Camile Gonzales Rocha ainda estava aprendendo a andar aos seis anos de idade. Seus movimentos eram lentos e limitados. A dificuldade era proveniente de um problema de desenvolvimento que acompanha Camile desde o nascimento.

A mãe da menina, a fisioterapeuta Marília Leite Gonzales, já ouvira falar de um tratamento alternativo que começava a ganhar força em todo o país, no ano de 1999. Ela e um grupo de profissionais começaram a pesquisar e se aprofundar no tema e, um ano depois, ajudaram a fundar a Associação Paraibana de Equoterapia (Aspeq).

A equoterapia, um ramo mais específico da zooterapia, utiliza cavalos em uma abordagem interdisciplinar para promover o desenvolvimento social e biológico de pessoas com necessidades especiais. Para tanto, o cavalo é considerado um agente de transformação que promove ganhos físicos e psíquicos no paciente na medida que seus movimentos estimulam o desenvolvimento da musculatura humana.

Camile foi uma das primeiras pacientes a ser tratada

com a técnica no ano de 2000; aos seis anos, a menina tinha dificuldades em se por de pé, caminhar e correr com outras crianças. Isso afetava não apenas seu desenvolvimento físico, mas também trazia prejuízos às relações pessoais que são construídas na infância, extremamente necessárias para a construção de um adulto plenamente saudável. “Ela tinha um atraso no desenvolvimento que dificultava, entre outras coisas, o andar”, explica Marília. “Comecei a realizar o tratamento com os cavalos com ela para auxiliar principalmente na questão do equilíbrio”.

Os resultados foram excelentes. Combinando a equoterapia ao tratamento convencional planejado por fisioterapeutas, a criança começou a adquirir uma postura mais adequada e mais confiança em si mesma, e logo conseguiu fortalecer suas atividades motoras e conseguir andar: uma vitória para mãe e filha.

Hoje com 21 anos, Camile ainda pratica a equoterapia semanalmente na Aspeq em sessões individuais – e, se depender da mãe, a palavra ‘alt’ vai continuar sendo um verbo estranho ao dicionário das duas. Apesar de já conseguir se movimentar perfeitamente, os benefícios que a abordagem proporciona à jovem ainda são muito altos para que ela abandone a companhia dos cavalos. “As melhorias sociais e psicológicas que a equoterapia traz para a Camila até hoje são inestimáveis. Não pretendo que ela pare”, comemora a mãe.

**O cavalo é considerado um agente de transformação que promove ganhos físicos**

## Pesquisa comprova eficácia da técnica

Segundo uma pesquisa da Universidade Federal da Paraíba realizada com crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais, cerca de 33% dos pacientes tratados com equoterapia conseguiram desenvolver interações sociais e de montaria simples com o animal; além disso, em 25% dos casos foram verificadas melhorias

de equilíbrio – números que, segundo os médicos e psicólogos, atestam a eficácia do método.

Entretanto, a equoterapia ou qualquer outra zooterapia não substituem o acompanhamento médico profissional que deve ser realizado de acordo com o problema do paciente. “A zooterapia não faz indicação de medicamen-

tos”, alerta a psicóloga Celene Almeida. “É uma abordagem multi e interdisciplinar que complementa os tratamentos tradicionais indicados por especialistas de cada área de atuação na saúde, seja física ou emocional”, diz.

Apesar de não substituir os tratamentos a que estamos acostumados, a zooterapia parece trazer um

pouco de amor, empatia e carinho para pessoas que precisam de atenção e ajuda numa realidade penosa de medicamentos, consultórios e exames. “Os animais têm uma pureza que os homens não possuem”, avalia Isabela ao relembrar dos momentos difíceis, abraçando a gata que a salvou. “E foi isso que me ajudou”, conclui.

CFM reconhece equoterapia como tratamento

O parecer do Dr. Cláudio Franzen a favor da equoterapia foi publicado no dia 29 de janeiro de 1997. De acordo com o médico, alguns indícios já comprovaram a eficácia do método. Ele ressalta, entretanto, que mais estudos e pesquisas devem ser realizados para se compreender totalmente os benefícios da prática para o paciente. “O que temos são estudos que indicam reações positivas à equoterapia”, diz o médico. “Precisamos, entretanto, de estudos mais conclusivos para regulamentação da prática”, destacou ele, acrescentando que os estudos atuais são suficientes para reconhecimento da equoterapia como método válido. Atualmente, o projeto de lei nº 4.671/12, que regulamenta a prática, está em tramitação no Congresso Nacional.